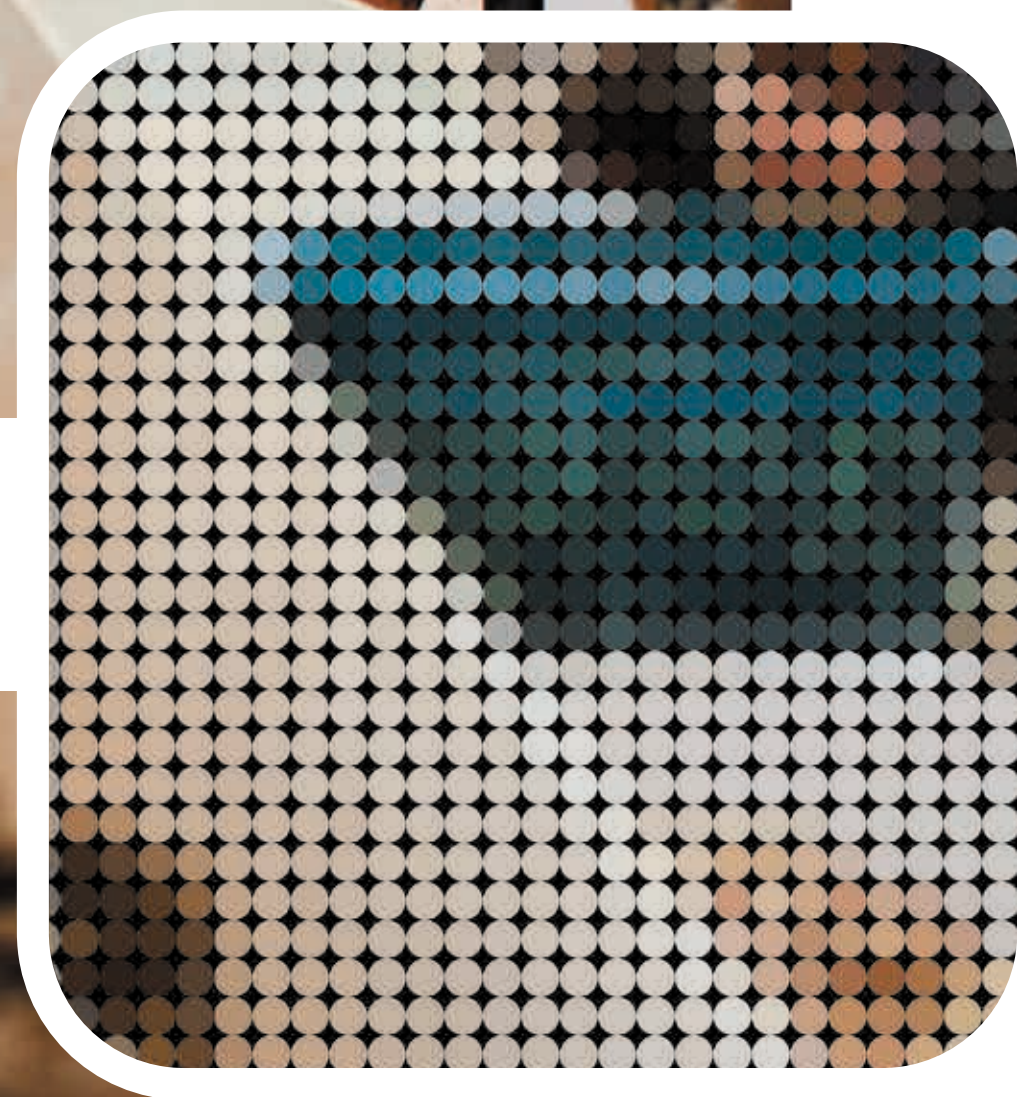
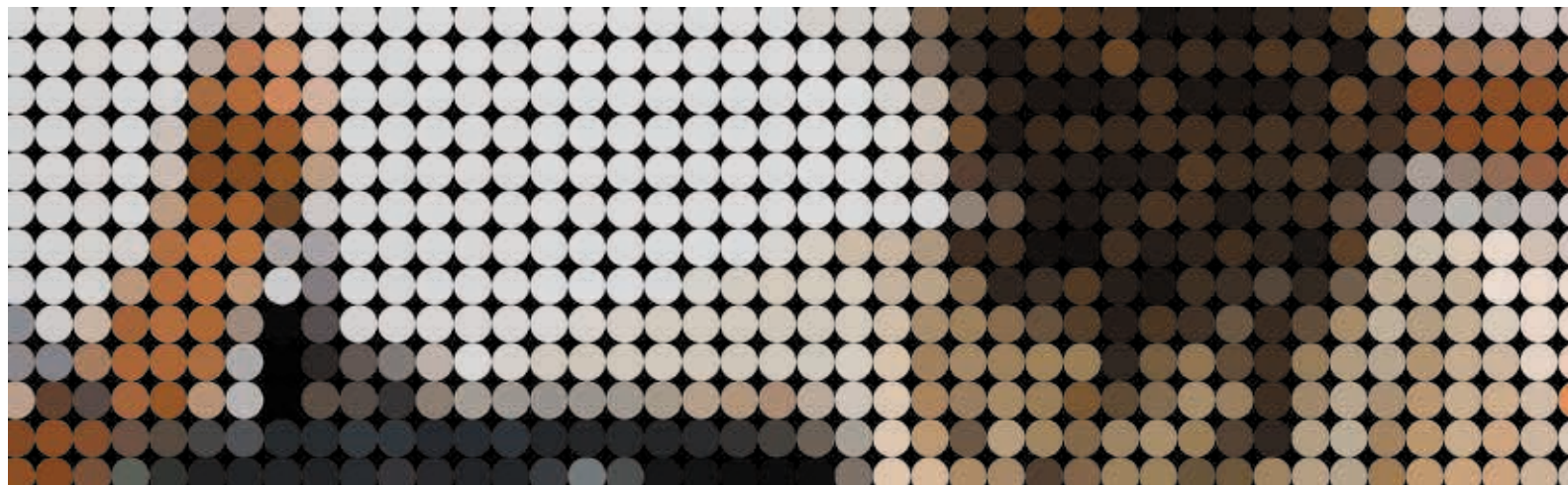




AGROINDÚSTRIA RURAL NO BRASIL





Neste trabalho, o conceito de agroindústria rural adotado foi aquele utilizado pelo IBGE, no qual a produção da agroindústria rural é aquela cujos produtos do estabelecimento agropecuário foram beneficiados ou transformados, no período de referência, em instalações próprias, comunitárias ou de terceiros, a partir de matéria-prima que tenha sido produzida no próprio estabelecimento ou adquirida de outros produtores, desde que a destinação final do produto tenha sido dada pelo produtor.

Alguns estudos já revelavam que as iniciativas das agroindústrias se dão por meio dos recursos locais dos produtores (matérias-primas, solo, água, infraestrutura, recursos financeiros etc.) e da força de trabalho do grupo familiar, principais responsáveis pelas estratégias utilizadas e pelas tarefas desenvolvidas por seus membros (MIOR, 2005).

A agroindústria e toda a sua complexidade, que pode envolver o mercado ou não, permite identificar a diversidade do mosaico espacial que tais estruturas assumem em cada Região, por meio da dinâmica, muitas vezes próprias, dos seus fixos e fluxos (SANTOS, 1986). Entender a evolução da agroindústria brasileira amplia a capacidade de diagnosticar a realidade, a heterogeneidade e as hierarquias socioeconômica das Regiões brasileiras, também produzidas e reproduzidas no meio rural do País.

Em 2017, no mesmo ano de realização do Censo Agropecuário, outra pesquisa do IBGE trouxe importante informação sobre políticas para a agroindústria brasileira. A Pesquisa de Informações Básicas Estaduais - ESTADIC 2017 revelou que todos os governos estaduais e do Distrito Federal declararam ter programas ou ações de fomento voltados tanto à agricultura familiar quanto à agroindústria (AGRICULTURA..., 2018; PERFIL..., 2018).

Análise dos dados censitários

O Censo Agropecuário 2017 mostrou que o Brasil tinha 1 527 056 agroindústrias distribuídas pelos seus 5 073 324 estabelecimentos agropecuários. A produção total somada foi de 6 294 744 toneladas e a vendida, de 5,3 milhões de toneladas. Já o valor adquirido com a venda de todos os artigos provenientes da agroindústria brasileira de 2017 foi de R\$ 10,8 bilhões (CENSO..., 2020).

Quando se observam os dados pela tipologia do produtor, nota-se que a participação da agricultura familiar foi maior em número de estabelecimentos com agroindústria, porém foi menor em relação à quantidade produzida, à quantidade vendida e ao valor da venda, como mostra o Gráfico 1.

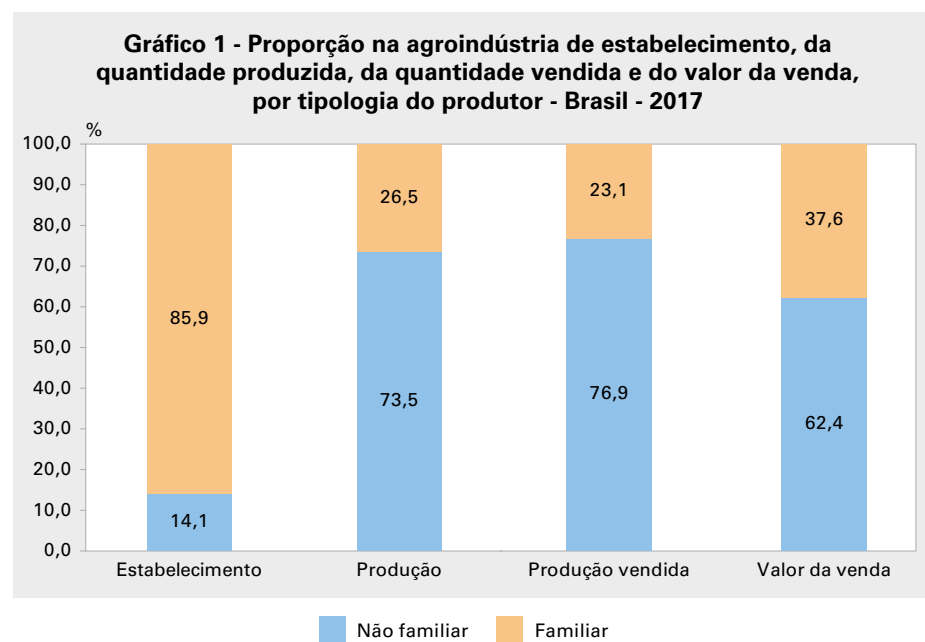
Para analisar, sob o ponto de vista geográfico, a dinâmica da agroindústria brasileira, foi selecionada parte dos artigos que pudessem colocar em relevo o quadro da produção regional do País. Para tal, os 12 produtos selecionados foram: aguardente, fumo de rolo, sucos de frutas, laticínios (creme de leite, manteiga e queijo e requeijão), carnes (bovina, suína, tratada, outras e embutidos) e, por fim, o carvão vegetal.

De acordo com a Tabela 1, é na Região Nordeste onde ocorre a maior produção de cinco dos 12 artigos selecionados. A agroindústria de carne se destacou na Região Sul, enquanto a produção de sucos de frutas, na Região Norte. Na Região Sudeste, aguardente, queijo e requeijão e carvão vegetal se sobressaíram. Nenhum produto, dentre os selecionados, teve maior registro na Região Centro-Oeste. Toda a produção da agroindústria rural brasileira tem um caráter bem-concentrado e especializado, como é o caso do fumo, que chega a ter 92,9% de sua produção realizada apenas na Região Nordeste.

A seguir, a análise de cada produto da agroindústria ocorrerá em separado a fim de entender melhor a relação, por produto, entre a produção e a quantidade de estabelecimentos, a quantidade produzida, o valor de mercado e a quantidade que foi efetivamente vendida. Tudo isso, certamente, não esgota as possibilidades de análise, mas permite identificar os diferentes graus de integração ao mercado¹ de cada produto, bem como a média de produção por estabelecimento. Posteriormente, haverá uma breve consideração final, comparando os resultados sociogeográficos dos produtos selecionados. Desse modo, espera-se que este capítulo se some aos demais no complexo objetivo de revelar os vários ângulos de análise presentes no espaço rural brasileiro na contemporaneidade.

Agroindústria de aguardente

A produção de aguardente caiu no período intercensitário (2006/2017) de 113,2 milhões de litros para 83,4 milhões de litros, o que representa uma redução de 26,3%. A quantidade de estabelecimentos com agroindústria de aguardente se manteve estável, passando de 11 124 para 11 028 no período avaliado.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

Tabela 1 - Proporção da quantidade produzida, por Grandes Regiões, segundo os produtos selecionados - 2017

Produtos	Unidade	Proporção da quantidade produzida, por Grandes Regiões (%)				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Aguardente de cana	1 000 l	0,3	32,0	60,1	6,3	1,4
Fumo em rolo ou corda	t	1,1	92,9	1,4	4,6	-
Creme de leite	t	2,3	47,3	19,7	29,1	1,6
Manteiga	t	2,5	56,8	21,3	13,1	6,2
Queijo e requeijão	t	6,9	22,0	47,2	11,5	12,3
Sucos de frutas	1 000 l	34,1	13,1	18,9	29,8	4,0
Carne de bovinos (1)	t	8,8	16,7	5,1	67,6	1,8
Carne de suínos (1)	t	3,1	12,7	9,8	67,3	7,2
Carne de outros animais (1)	t	2,0	49,1	4,6	42,0	2,2
Carne tratada (2)	t	16,0	55,6	2,4	5,8	20,2
Embutidos (3)	t	3,3	1,7	4,6	84,0	6,4
Carvão vegetal	t	0,6	11,4	80,8	6,8	0,4

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

(1) Verde. (2) De sol, salgada. (3) Linguiças, salsichas, etc.

A Região Sudeste produziu 60,1% de aguardente, em 2017, com destaque para o Estado de Minas Gerais, que andou na contramão do País e teve crescimento da produção – sozinho, produziu 45,7% do total brasileiro. Já o Estado de São Paulo, que em 2006 produzia 27,6% do total do País, em 2017, apresentou queda em sua participação, caindo para 8,5%.

Na Região Nordeste, a segunda maior produtora do Brasil, houve uma variação decrescente no Estado da Bahia, dinâmica inversa à que ocorreu com o Rio Grande do Norte, onde a quantidade produzida, em 2006, era inexpressiva e, em 2017, foi responsável por 12,5% de toda a produção nacional. Ainda nessa Região, destaca-se também o crescimento da produção no Estado do Maranhão, sexto maior produtor e responsável por 3,3% da produção da agroindústria de aguardente.

Já na Região Sul, destaca-se o Estado do Rio Grande do Sul, que acompanhou a tendência brasileira de queda no número de estabelecimentos e na produção, reduzida em 77,5%, de 2006 a 2017.

A análise da produção pela tipologia do produtor revela que, embora existissem mais estabelecimentos de agricultura familiar com agroindústria de

aguardente (78,5% do total), a quantidade produzida nestes foi menor (39,9%). De todas as Grandes Regiões, apenas na Sul a maior quantidade produzida foi realizada pela agricultura familiar, com 64,4%.

O Município mineiro de Rio Pardo de Minas, sozinho, foi responsável por 4,5% da produção de toda aguardente em estabelecimentos com tal agroindústria no Brasil. Municípios próximos, localizados na porção norte de Minas Gerais, como Novo Horizonte, Indaiabira, São João do Paraíso e Ladainha também apresentaram expressiva produção. Rio Espera, Alto do Rio Doce e São João Nepomuceno também são grandes produtores na porção sul do Estado. Salinas, Município famoso pela venda de cachaça, em 2017, foi o 52º Município em produção de aguardente, com 0,3% de toda a produção nacional da agroindústria rural.

A partir da década de 1990, em Minas Gerais, programas estaduais e políticas como o Programa Mineiro de Incentivo à Produção de Aguardente (Pró-Cachaça) utilizaram do imaginário do produto para reorganizar estratégias, criando uma nova lógica da produção (SILVA, 2009). Fica clara, portanto, a importância desse Estado na agroindústria de aguardente, com quase metade da produção nacional.

Agroindústria de fumo

A agroindústria de fumo apresentou a produção muito concentrada, que se intensificou entre 2006 e 2017. Neste último ano, 92,8% da produção de fumo estava na Região Nordeste, que produziu 6 387 toneladas de fumo provenientes da agroindústria. Importante esclarecer que, embora a Região Sul seja a maior produtora de folhas de tabaco, com 86,7% da produção brasileira, em 2017, a análise aqui obedece ao conceito do IBGE de agroindústria, que é diferente do complexo agroindustrial plenamente difundido no Sul do País.

A agroindústria de fumo brasileira esteve basicamente no Estado de Alagoas, que, sozinho, foi responsável por 86,2% do total produzido no País. Cinco dos seus Municípios – Girau do Ponciano, Craíbas, Arapiraca, Feira Grande e Lagoa da Canoa – foram responsáveis por 80,6% da produção nacional. O Estado de Alagoas produziu 86,2% de fumo da agroindústria, mas participou com 61,6% do valor da venda desse produto. Já o Estado de Santa Catarina produziu 2,0%, e ficou com 8,6% do valor total da venda.

A agroindustrialização de tabaco na Região Sul é viabilizada e regulada pelo sistema integrado de produção, no qual agricultores familiares produtores de tabaco, por meio de contratos prévios com as empresas agroindustriais, comprometem-se em produzir de acordo com as instruções técnicas de quantidade e qualidade definidas pelas empresas, e a repassar a elas integralmente sua produção, em troca da garantia pelas empresas do fornecimento de insumos, de assistência técnica, da intermediação de financiamento junto aos bancos, do transporte do tabaco das propriedades rurais até as usinas ou postos de compra das empresas, e da compra integral de tabaco (SILVEIRA, 2012).

Agroindústria de sucos de frutas

A agroindústria de sucos de frutas cresceu 602,5%, passando de 2,6 milhões de litros para 18,6 milhões de litros de sucos de frutas, no período intercensitário analisado. Em 2017, a Região Norte passou a ser a maior produtora de sucos, com 34,1% do total produzido, passando a Região Sul, que, em 2006, produzia 57,0% o total do País. Vale destacar que a produção no Sudeste também cresceu, de 8,6% para 18,9%.

Entre as Unidades da Federação, há destaque para o Rio Grande do Sul, que produziu 24,5% do total no Brasil em 2017. Além deste, o Estado do Pará (15,2%), do Amazonas (9,8%) e de São Paulo (10,8%) configuraram-se como grandes produtores, somando juntos mais de 60% da quantidade de sucos de frutas produzidos pelas agroindústrias no País.

1 É preciso esclarecer que a quantidade vendida toma como base a data de referência da pesquisa. Desse modo, aquilo que não foi vendido não se trata automaticamente de autoconsumo, visto que a produção pode estar estocada à espera do momento mais interessante, economicamente, para ir para ao mercado.

Quando se trata do valor da venda da produção de sucos de frutas, o destaque fica para o Estado de São Paulo, pois, mesmo com 10,8% da produção do País, concentrou 22,7% do valor total das vendas. A participação do Amazonas, do Pará e do Rio Grande do Sul foram de 7,7%, 8,2% e 18,7%, respectivamente. Essa informação se torna mais ilustrativa porque em São Paulo existiam apenas 104 estabelecimentos, menos de 0,5% do total de estabelecimentos com agroindústria de sucos de frutas no Rio Grande do Sul, que era de 27 306.

Segundo o Censo Agropecuário 2017, o Estado de São Paulo produziu 80,0% da laranja brasileira. De acordo com Minke (2020), o Estado foi o maior produtor do mundo de laranja e a produção da laranja para a indústria se configurou como o terceiro principal produto agropecuário produzido pelo Estado em valor de produção, no ano de 2019. Segundo Paulillo (2006), o cinturão citrícola paulista produz laranja em todos os meses do ano, sendo o único lugar no mundo onde isso ocorre. Além disso, a quantidade de variedades também é inigualável, produzindo toda sorte de laranjas, das mais ácidas até as mais doces.

A Tabela 2 revela, na agroindústria de sucos de frutas, diferenças entre a agricultura familiar e a não familiar, para o Brasil e os quatro maiores Estados produtores. A agricultura não familiar vendeu 69,9% e a familiar, 33,8%. A primeira produziu, em média, 723 litros por estabelecimento enquanto a segunda, 281 litros.

A análise pelos quatro maiores Estados produtores mostra que São Paulo teve uma média da produção por número de estabelecimentos, com 45 238 litros na agricultura não familiar, enquanto no Rio Grande do Sul a média foi de 213 litros. Em termos absolutos, São Paulo produziu 2,0 milhões de litros e o Rio Grande do Sul, 4,6 milhões de litros. Como mostrado acima, essa produção em São Paulo está ligada à cadeia da laranja, sendo o Estado o maior exportador de suco de laranja do mundo.

Outra informação relevante da Tabela 2 é o caráter mercadológico da produção em São Paulo, visto que tanto na agricultura familiar quanto na não familiar mais de 90% da quantidade produzida foi vendida. A média do País foi de 69,0% entre os produtores não familiares, e 33,8% entre os familiares, que vão para o mercado. O que demonstra mais uma vez o elevado grau de integração ao mercado da agroindústria de sucos de frutas em São Paulo, até entre os produtores familiares. Ressalta-se que a quantidade vendida refere-se à data de referência do Censo Agropecuário 2017.

Agroindústria de laticínios

A análise da agroindústria de laticínios inclui os seguintes produtos: creme de leite; manteiga; e queijo e requeijão, estes últimos com valores já somados. Entre 2006 e 2017, o número de estabelecimentos com a agroindústria de creme de leite cresceu 37,2%; com a da manteiga, 99,7%; e com a de queijo e requeijão, 116,7%. Já a produção cresceu 44,0%, 45,3% e 99,7%, para cada agroindústria, respectivamente.

Em 2017, 90,5% dos estabelecimentos da agroindústria de creme de leite estava na Região Sul enquanto a maior produção se dava na Região Nordeste, 47,2%. Isto é, com apenas 3,5% do total de estabelecimentos, o Nordeste produziu quase metade do creme de leite do País, como revela o Gráfico 2. Com a agroindústria de manteiga, ocorreu resultado semelhante, com apenas 24,7% dos estabelecimentos, a Região Nordeste produziu 56,7% da manteiga na agroindústria do Brasil em 2017.

Entre as Unidades da Federação, a maior produção da agroindústria de creme de leite foi em Minas Gerais, com 19,0% do total produzido no Brasil, seguido pelo Rio Grande do Norte, com 18,0%. Paraíba, Paraná, Santa Catarina, Bahia e Rio Grande do Sul também se destacaram. A média da produção de creme de leite por estabelecimento variou entre 0,041 tonelada, no Rio Grande do Sul, e 12 toneladas no Rio Grande do Norte, 292 vezes maior.

A produção de manteiga cresceu em todas as Grandes Regiões brasileiras. Entre as Unidades da Federação, a maior produção foi na Bahia, com 448 toneladas ou 27,2% do total produzido no País. Minas Gerais ficou aqui em segundo lugar, com 203 toneladas, o que reafirma a centralidade do Estado na produção de leite e derivados. No Rio Grande do Sul, onde havia 48,2% dos estabelecimentos (5 538) com agroindústria de manteiga, a participação na produção foi de 8,5%, média baixa de produção por estabelecimentos.

A produção de queijo e requeijão destacou-se nas Regiões Sudeste (47,2%) e Nordeste (22,0%), com quase a metade produzida em uma só Grande Região. A Região Sul teve o maior número de estabelecimentos com agroindústria de manteiga, com 33,2% do total do País. No que se refere à agroindústria de laticínios, esta apresentou a mais baixa produção por estabelecimento.

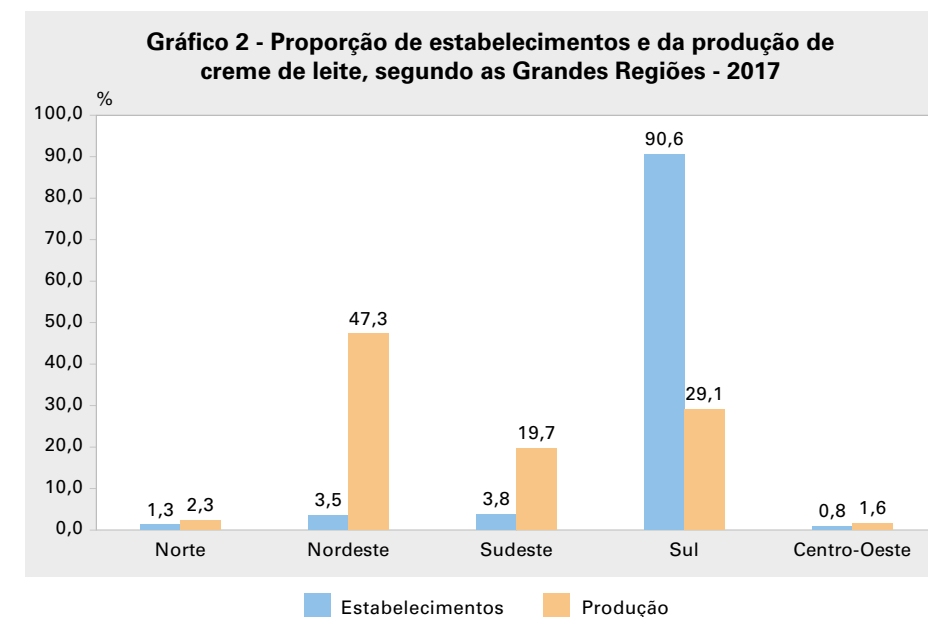


Tabela 2 - Indicadores da agroindústria de sucos de frutas, por tipologia do produtor, segundo as Unidades da Federação selecionadas - 2017

Unidades da Federação selecionadas	Proporção da quantidade vendida pela quantidade produzida (%)			Total produzido dividido pelo número de estabelecimentos com agroindústria de suco de frutas			Média do valor da venda sobre a quantidade total vendida			Média do valor da venda sobre a quantidade total produzida		
	Total	Não familiar	Familiar	Total	Não familiar	Familiar	Total	Não familiar	Familiar	Total	Não familiar	Familiar
Brasil	45,8	70,0	33,8	353	723	282	5,3	4,9	5,7	2,4	3,4	1,9
Amazonas	37,7	26,6	41,3	399	953	336	5,1	5,4	5,0	1,9	1,4	2,1
Pará	23,8	24,7	23,7	616	567	622	5,5	5,8	5,5	1,3	1,4	1,3
Rio Grande do Sul	25,1	29,5	24,3	168	213	161	7,4	6,8	7,5	1,8	2,0	1,8
São Paulo	99,2	99,6	92,1	19 365	45 238	1 839	5,2	5,2	4,6	5,1	5,2	4,3

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

Entre as Unidades da Federação, mais uma vez se destaca Minas Gerais, com 35,1% do total produzido de queijo e requeijão na agroindústria. Em 2006, a sua participação era ainda maior, de 38,3%. Os Estados de Goiás e de Pernambuco participaram com 7,7% e 7,2%, respectivamente. Em Sergipe, houve a maior média de produção por estabelecimento, com 7,4, bem mais alta do que a média de 1,8 em Minas Gerais.

Quando se observa a integração da produção de laticínios ao mercado, nota-se que, no Brasil, em 2017, à exceção da produção de queijo e requeijão, a agricultura não familiar vende mais a sua produção do que a familiar. O creme de leite é o que menos estava integrado na produção familiar, com menos da metade da quantidade produzida tendo sido vendida. A produção de queijo e requeijão foi a mais integrada, com a produção familiar e não familiar com cerca de 90% do total produzido tendo sido vendido, de acordo com a data de referência da pesquisa.

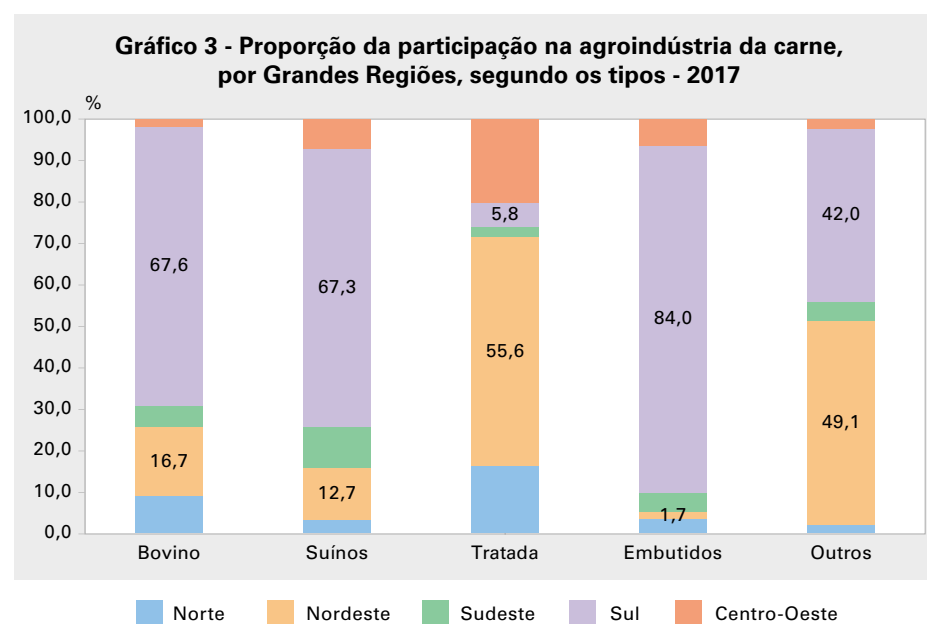
Alguns dados por Unidade da Federação merecem destaque. No Rio Grande do Norte, a agricultura familiar vendeu apenas 6,7% da produção de creme de leite e a não familiar, 94,9%. No que tange à produção de manteiga, em Minas Gerais, segundo Estado com maior produção, apenas 37,0% da produção da agricultura familiar foi vendida enquanto 90,5% da não familiar chegou ao mercado.

Agroindústria de carne

Entre 2006 e 2017, todas as agroindústrias de carne – bovina, suína, outras carnes e embutidos – tiveram aumento significativo da produção, à exceção da produção de carne tratada. A produção de bovinos, a maior entre elas, cresceu em 45,3% e a de suínos, 71,0%. A produção de embutidos teve um crescimento ainda maior, de 146,0%. Já as outras carnes dispararam, crescendo 244,1% da sua produção, nesse período intercensitário.

A produção de carne bovina teve o peso de sua participação na produção diminuído, de 52,2% para 41,8%, entre 2006 e 2017. Já a produção de embutidos passou de 12,8% para 22,8% das carnes produzidas no País. As demais não oscilaram significativamente.

Após esse breve panorama da produção de carnes pela agroindústria de carne brasileira, faz-se necessário observar como se deu a distribuição regional dessa produção. De acordo com o Gráfico 3, fica evidente a predominância da Região Sul na agroindústria de carne no Brasil em 2017. Na produção bovina, 67,5% dela estava nessa Grande Região, assim como 93,3% dos estabelecimentos com essa agroindústria. Proporção muito semelhante se deu na produção de carne suína.



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

O Rio Grande do Sul é, à exceção da carne tratada, o maior produtor em todos os tipos de carnes. Sozinho, produziu 50,9% da carne bovina da agroindústria brasileira, 48,6% da suína e 51,8% dos embutidos. Também é o maior produtor dos outros tipos de carne de animal, com 28,7% do total do País. O Estado de Santa Catarina se destacou com a produção de 12,5% da carne bovina, e 13,1% da suína. Ambos concentram mais de 60,0% de toda produção bovina e suína do Brasil. Na agroindústria de carnes de outros animais, os Estados de Sergipe e do Ceará se destacaram, com 24,6% e 11,3% da produção, respectivamente.

Pelo viés da integração ao mercado – percentual da quantidade vendida sobre o total produzido no período de referência –, a Região Sul, notadamente a maior produtora, é a que menos vendeu, para todos os artigos analisados. Entre os agricultores familiares a inserção foi menor ainda, com, por exemplo, apenas 4,4% da produção da carne suína vendida. Na Região Nordeste essa taxa foi de 76,7%. Os embutidos foram os mais vendidos, mesmo entre os produtores familiares, à exceção da Região Norte.

Agroindústria de carvão vegetal

A produção de carvão vegetal também estava muito concentrada no território brasileiro em 2017. Do total de estabelecimentos, 79,4% se encontrava na Região Nordeste, e sobre a produção, 80,8% foi realizada na Região Sudeste. A produção da agroindústria de carvão vegetal, de 2006 a 2017, tornou-se ainda mais concentrada, visto que, em 2006, a participação da Região Sudeste era de 58,4% e a da Nordeste, 18,8%.

Em termos estaduais, a concentração também se reproduz no Estado de Minas Gerais, que, sozinho, foi responsável por 79,2% da produção total do Brasil de carvão vegetal em 2017. Apenas outras cinco Unidades da Federação participaram de tal produção com quantidade superior a 1%, foram elas: Maranhão (6,6%), Bahia (3,3%), Paraná (5,5%) e São Paulo (1,4%). Maranhão, Piauí e Ceará foram os Estados com maior número e que tiveram aumento expressivo entre 2006 e 2017.

No Estado de Minas Gerais, a média foi de 923 toneladas produzidas de carvão vegetal por estabelecimento, resultado muito maior do que a média do Paraná, de 233 toneladas. Isso denota, portanto, uma diferença grande entre o primeiro e o segundo lugar, consolidando o papel de Minas Gerais na agroindústria de carvão vegetal no Brasil. Em 2017, dos 22 Municípios brasileiros que, juntos, produziram mais de 50% do total de carvão vegetal, 20 estavam em Minas Gerais, em especial, na porção centro e norte do Estado.

No que consiste à produção vendida, tanto na agroindústria não familiar como na familiar, mais de 90% do que se produziu foi comercializado. Geograficamente, a exceção é a agroindústria familiar na Região Nordeste, onde apenas 42,8% do total de carvão vegetal produzido pela agroindústria foi vendido até o período de referência da pesquisa.

Breves comparações entre as agroindústrias analisadas

Quando se comparam a quantidade de estabelecimentos das agroindústrias brasileiras analisadas, os dados de 2017 indicam que os maiores números se concentravam na agroindústria de queijo e requeijão, 175 198, seguido pela de carne suína, com 147 543 estabelecimentos. Já o número de estabelecimentos com a produção de creme de leite e da carne tratada eram os mais baixos, 2 317 e 3 120, respectivamente, conforme se observa na Tabela 4. Vale lembrar que no Brasil todo havia cerca de 5,7 milhões de estabelecimentos no total, naquele ano, e 1,5 milhão de agroindústrias.

Em relação à quantidade total produzida, a Tabela 3 mostra que existe uma larga diferença entre o carvão vegetal, com 3,7 milhões de toneladas, e o

segundo produto, queijo e requeijão, com 222 652 toneladas. Já o creme de leite (736 toneladas) e a carne tratada (450 toneladas) foram os que tiveram menor produção e, como visto acima, os que ocupavam menos estabelecimentos.

Quanto ao valor de produção, novamente a agroindústria de queijo e requeijão foi a principal, com o somatório das vendas chegando a R\$ 2,6 bilhões. Em segundo lugar, foi o valor das vendas de carvão vegetal R\$ 1,8 bilhão. Para se pontuar as diferenças, a aguardente, em terceiro lugar, teve valor das vendas R\$ 65,0 milhões.

A maior média de produção por estabelecimento foi a de carvão vegetal, com 349 toneladas por estabelecimentos não familiares. Entre a produção familiar, a média cai para 11 toneladas por estabelecimento. A Tabela 4 indica que a agroindústria de aguardente teve a segunda maior média de produção por estabelecimento, de 21,1 milhões litros e 3,8 milhões litros na agricultura não familiar e na familiar, respectivamente.

No que se refere à integração ao mercado, as agroindústrias de creme de leite; manteiga; queijo e requeijão; e de carvão vegetal venderam mais de 85% do total produzido, entre os produtores não familiares. Por outro lado, a produção de fumo e de carne tratada tiveram os menores percentuais das suas produções vendidas. Já a carne de boi e de suínos foram as mais baixas integrações entre os produtores familiares, conforme a Tabela 4.

Entre os artigos com maior valor de venda média, destacaram-se a carne tratada e a manteiga, tanto para as agroindústrias familiares quanto não familiares. Entre os valores mais baixos, para os dois tipos de produtor, encontram-se os de aguardente e de carvão vegetal, de acordo com a Tabela 4.

Por fim, pode-se dizer que a produção de carvão vegetal foi a que ocupou o maior número de estabelecimentos, teve a maior produção total, bem como foi a mais integrada ao mercado, porém teve o mais baixo valor por tonelada vendida, o que pode indicar uma rentabilidade só economicamente possível quando produzida em escala. Por outro lado, a produção de carnes tratadas teve a menor média de produção por estabelecimento, foi o segundo artigo menos produzido, e o segundo com menor taxa de integração ao mercado, mas ao contrário do carvão vegetal, teve o maior valor médio entre os produtos vendidos analisados.

Entre as agroindústrias de carne, a bovina foi a mais produzida e a que obteve a maior média de produção por estabelecimento. A agroindústria de embutidos foi a que teve a maior integração ao mercado e a de carne tratada, o maior valor médio de venda. Por fim, foi a agroindústria de carne suína a que esteve no maior número de estabelecimentos em 2017.

Em termos geográficos, a Região Norte se destacou apenas na agroindústria de sucos de frutas e a Região Centro-Oeste não teve relevo em nenhuma das agroindústrias analisadas acima, embora seja inegável o seu relevante papel na produção agropecuária brasileira no que se refere, especialmente, à produção e à produtividade de soja e milho.

Alguns Estados se destacaram como grandes bases da agroindústria brasileira, seja pela produção, pela ocupação em estabelecimentos ou pela integração ao mercado e até pelo valor de venda. Alagoas, por exemplo, concentrou mais de 90% do total produzido pela agroindústria de fumo no País. Em termos de produtividade, Rio Grande do Norte produziu 12 toneladas de creme de leite por estabelecimentos, e São Paulo apresentou uma média superior a 45 000 litros de sucos de frutas por estabelecimentos, cuja integração ao mercado superou 95% da produção, tudo isso ocupando apenas 104 estabelecimentos. O papel de Minas Gerais também foi de grande relevância, tanto para agroindústria de laticínios, mas, especialmente, na produção de carvão vegetal, concentrando sozinho cerca de 80% da produção total brasileira.

O Rio Grande do Sul, embora não tenha aparecido com destaque nas médias construídas acima, é, de longe, o Estado com maior número de estabelecimentos na metade das agroindústrias brasileiras analisadas em 2017. Em seis das 12 agroindústrias analisadas, esse Estado teve mais de 50% do total de estabelecimentos. Em termos de quantidade produzida, sozinho foi responsável por cerca da metade da produção de carnes bovinas, suínas e embutidos, além de 28,2% da carne de outros animais e 24,1% dos sucos de frutas brasileiros em 2017. Tudo isso revela que o Rio Grande do Sul é, em termos quantitativos de produção, o principal Estado brasileiro no que tange às agroindústrias analisadas.

Tabela 3 - Estabelecimentos, quantidade produzida e valor de produção, segundo as agroindústrias selecionadas - Brasil - 2017

Agroindústrias selecionadas	Estabelecimentos	Quantidade produzida (t)	Valor de produção (1 000 R\$)
Aguardente de cana	11 028	83 409	265 867
Fumo em rolo ou corda	7 319	6 876	20 898
Creme de leite	2 317	736	5 359
Manteiga	11 511	1 645	17 606
Queijo e requeijão	175 198	222 652	2535 592
Sucos de frutas	52 831	18 646	45 168
Carne de bovinos (1)	120 561	53 686	208 077
Carne de suínos (1)	147 543	37 494	94 817
Carne de outros animais (1)	121 695	29 320	126 833
Carne tratada (2)	3 120	450	3 718
Embutidos (3)	44 870	7 278	54 814
Carvão vegetal	57 772	3758 128	1835 879

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

(1) Verde. (2) De sol, salgada. (3) Linguíças, salsichas, etc.

Tabela 4 - Médias da produção por estabelecimento, da quantidade vendida sobre a quantidade produzida e do valor da venda pela quantidade vendida, por tipologia do produtor, segundo as agroindústrias selecionadas - Brasil - 2017

Agroindústrias selecionadas	Média da produção por estabelecimento		Média da quantidade vendida sobre a quantidade produzida		Média do valor da venda pela quantidade vendida	
	Não familiar	Familiar	Não familiar	Familiar	Não familiar	Familiar
Aguardente	21,2	3,8	79,5	79,0	3,8	4,4
Creme de leite	1,8	0,1	89,5	49,0	10,3	9,3
Fumo	1,4	0,9	28,5	44,1	7,3	7,3
Manteiga	0,6	0,1	87,6	59,8	14,5	13,5
Queijo e requeijão	2,3	1,0	92,0	89,8	13,5	12,1
Sucos de frutas	0,7	0,3	70,0	33,8	4,9	5,7
Carne de bovinos	1,0	0,4	60,6	22,8	10,4	12,0
Carne de suínos	0,5	0,2	55,7	16,6	8,6	10,5
Carne de outros animais	0,7	0,1	80,8	35,7	6,3	10,1
Carne tratada	0,3	0,1	31,4	62,2	17,3	16,2
Embutidos	0,5	0,1	83,8	47,9	11,8	13,5
Carvão vegetal	349,9	11,1	93,5	90,1	0,5	0,6

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017.

Referências

AGRICULTURA familiar e agroindústria recebem apoio estadual em todo o país. In: IBGE. *Censo 2020*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Notícia de 05 jul. 2018. Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/21631-agricultura-familiar-e-agroindustria-recebem-apoio-estadual-em-todo-o-pais.html>. Acesso em: jul. 2020.

A CACHAÇA no Brasil: dados de registro de cachaças e aguardentes. Brasília, DF: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2019. 27 p. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/pasta-publicacoes-DIPOV/anuario-cachaca.pdf/view>. Acesso em: jul. 2020.

CENSO agropecuário 2017. In: IBGE. *Sidra*: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, [2020]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: ago. 2020.

MINKE, P. Maior produtor de laranja e exportador de suco de laranja do mundo, SP deve manter setor ativo para atender demanda pela fruta rica em vitamina C. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. *Agricultura e Abastecimento*. São Paulo, 2020. Notícia de 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.agricultura.sp.gov.br/noticias/maior-produtor-de-laranja-e-exportador-de-suco-de-laranja-do-mundo-sp-deve-manter-setor-ativo-para-atender-demanda-pela-fruta-rica-em-vitamina-c/>. Acesso em: jul. 2020.

MIOR, L. C. *Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural*. Chapecó: Argos, 2005. 338 p. (Debates).

MIOR, L. C. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL, 1., 2007, Florianópolis. [Anais...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2007. 15 p. Disponível em: https://nmdsc.paginas.ufsc.br/files/2011/05/Mior_Agricultura-familiar_agroindustria_e_desenvolvimento_territorial.pdf. Acesso em: jul. 2020.

PAULILLO, L. F. (coord.). *Agroindústria e citricultura no Brasil: diferenças e dominâncias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2006. 481 p.

O PERFIL da agroindústria rural no Brasil: uma análise com base nos dados do censo agropecuário 2006: relatório de pesquisa. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2013. 78 p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/130319_relatorio_perfil_agroindustria.pdf. Acesso em: jul. 2020.

PERFIL dos estados brasileiros 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 68 p. Acima do título: Pesquisa de Informações Básicas Estaduais. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/16770-pesquisa-de-informacoes-basicas-estaduais.html?edicao=21634&t=publicacoes>. Acesso em: jul. 2020.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. 236 p. (Geografia: teoria e realidade).

SILVA, F. R da. *Na embriaguês da cachaça: produção, imaginário e marketing* (Minas Gerais 1982-2008). 2009. 111 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16362>. Acesso em: jul. 2020.

SILVEIRA, R. L. L. da; DORNELLES, M.; FERRARI, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. *Biblio 3W*: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales, Barcelona: Univesitat de Barcelona, v. 17, n. 987, 2012. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/b3w/article/view/25973>. Acesso em: jul. 2020.